

ançado

de pintura

Victor Meireles: 150 anos de um pintor de multidões

O sesquicentenário de nascimento de Victor Meireles está sendo comemorado no Museu Nacional de Belas-Artes com um conjunto de 147 trabalhos, incluindo pinturas, desenhos, fotografias e documentos. É uma exposição que demonstra, com cuidado, uma época e até mesmo os limites do artista — e os limites da arte no Brasil.

Mas é um pintor que ainda atrai público como o modelo de uma certa crença nacional pelos grandes fatos. Pode-se também evocar o sucesso oficial de suas imagens. A reprodução em massa que *A Primeira Missa no Brasil* (1860) atingiu, calcando esse trabalho no imaginário popular. Sucesso que o artista conseguiu em vida.

Uma famosa exposição em 1879 — polêmica porque colocava frente à frente as batalhas de Pedro Américo com a de Victor Meireles — arrastou para o local da mostra nada mais que 272 mil pessoas, número talvez nunca atingido numa exposição de arte no Brasil, incluindo aí as bienais dos anos 50. A polêmica chamada pelo curador da mostra, Donato Mello Júnior, um arquiteto de 67 anos, de *A Questão Artística de 1879*, confrontava os dois artistas, com grupos partidários apoiando ora um, ora outro. Dizia-se que a *Batalha dos Guararapes*, de Meireles, não possuía movimento em confronto com a do Avai, de Américo:

“Os críticos diziam que faltava paixão, faltava sangue. Era uma batalha estática”, informa Donato.

A polêmica durou cinco meses pelos jornais e terminou brasileiroamente. Aos dois foi conferido o epíteto de plagiário, Meireles de algumas batalhas de artistas franceses, Américo por juntar no seu quadro todas as possíveis batalhas pintadas.

Catarinense de Desterro (atual Florianópolis), Victor Meireles nasceu em 18 de agosto de 1832 e morreu, no Rio, em 22 de fevereiro de 1903. De modo que acompanha o processo de integração dos artistas à Academia Imperial e morre na República. Como Pedro Américo é reconhecido, pela crítica, como um dos melhores artistas do Segundo Reinado. Jovem, ele é pensionista da Academia em Roma e em Paris. De lá, como de praxe, mandava cópias dos clássicos e aprendia o *métier* acadêmico, os *claros-escuros*, perspectiva e desenho.

O artista não participava das ocupações vanguardistas, que ocorriam na Europa em meados do século passado:

“Era uma estada dirigida — informa Pedro Xexéo, coordenador técnico do Museu Nacional de Belas-Artes. — Os artistas estavam muito ligados ao regime da Academia Imperial. Através de documentos podemos ver o quanto essas estadas eram dirigidas.

E ingênuo pensar que Victor Meireles pudesse entrar em contato com a arte moderna da época. O artista que quisesse libertar-se ficaria logicamente marginalizado”.

Isto é percebido na exposição e nos trabalhos de Victor Meireles. Há qualquer coisa de tédio professoral e uma perdulária iniciativa à cópia. O público poderá ver, contudo, esse grande *best-seller* que é *A Primeira Missa*, pintada no exterior e apresentada pela primeira vez, em 1861, em Paris. O artista realizou grande levantamento iconográfico e documental para sugerir um sentimento de realidade ao histórico acontecimento. Os problemas são os índios:

“A primeira observação que se faz é para a pele dos índios — sugere Donato. Ele dá uma coloração avermelhada, que não é cor dos nossos índios. Talvez, como pintou fora do Brasil, Meireles não pôde ver como era de fato a cor da pele dos nossos índios.

Donato considera que a grande vocação do artista era a paisagem, desviada pela obrigação de realizar as encomendas de pinturas históricas. No final da vida, o artista volta-se para a paisagem e é curioso recordar os grandiosos panoramas que realizou quando a República, considerando-o um artista do Império, retirou-o da moda e do mercado artístico.

Esses panoramas, usados na Europa, eram uma espécie de imensos cenários e o público pagava ingresso para vê-los em rotundas. Meireles exibiu um deles, em Bruxelas, em 1888, e 50 mil puderam ver uma série de imagens, ajustadas a uma forma cilindro-giratória, onde se desenrolavam cenas e paisagens em painéis de 115 metros de comprimento por 14,5 de largura. Um vasto diâmetro movimentava esses panoramas. O artista chegou a criar uma firma para esse tipo de *show* e armou uma rotunda na Praça XV. De início, foi sucesso e Meireles, para este gênero de espetáculo, executou três desses trabalhos, com bilheteiro na porta e até com ajuda da mulher no negócio.

“Ele executou esses panoramas praticamente para sobreviver. A República o tinha aposentado como professor e ele imaginou que era uma saída para ganhar algum dinheiro”, afirma Donato.

O destino desses panoramas imensos é triste (há na exposição um conjunto de estudos). O artista doou para o governo. O rolo de painéis ficou num barracão imundo, contemplados com a ingloria dos detritos. Em 1910, a própria Saúde Pública foi obrigada a intervir, depois de um jogo de empurra administrativo para saber o que fazer com eles. Devem ter sido queimados.